

O VISCONDE / 1980-1981

Realização, Argumento, Sonoplastia: Noémia Delgado / **Episódio da série televisiva (RTP):** “Contos Fantásticos” / **Argumento:** Noémia Delgado a partir do conto “Os Canibais”, de Álvaro do Carvalho / **Fotografia:** Mário de Carvalho (16mm) / **Câmara:** Francisco J. Silva / **Som:** Jorge Loureiro / **Genérico da Série:** Mário Neves / **Montagem:** Noémia Delgado, Dominique Rolin / **Interpretação:** Adelaide João, Maria Albergaria, Mário Sargedas, Fernando Gomes, Filipe Crawford, Fernando Heitor, Canto e Castro, João Bom, Afonso Dias, Carlos Azevedo, José Rocha Santos, Maria José Belo Marques.

Produção: Era Nova / **Produtor Delegado:** João de Menezes Ferreira / **Cópia:** RTP, digital (suporte original: 16 mm, Sep Mag/Double Band), cor / **Duração:** 51 minutos / **Primeira Apresentação Pública:** 21 de Janeiro de 1981, RTP/2 / Primeira Exibição na Cinemateca.

TIAGA OU A REENCARNAÇÃO DELICIOSA / 1980-1981

Realização, Argumento, Sonoplastia: Noémia Delgado / **Episódio da série televisiva (RTP):** “Contos Fantásticos” / **Argumento:** Noémia Delgado a partir do conto de Aquilino Ribeiro “A Reencarnação Deliciosa” / **Fotografia:** Mário Cabrita Gil (16mm) / **Som:** Jorge Loureiro / **Genérico da Série:** Mário Neves / **Montagem:** Noémia Delgado, Luís Gaspar / **Música:** José Afonso, Fernando Lopes-Graça / **Interpretação:** Isabel de Castro (Tiaga), Jacinto Ramos (Peregrino), Luísa Taveira (Bailarina), Jorge Grave (Bailarino), Ana Otero.

Produção: Era Nova / **Produtor Delegado:** João de Menezes Ferreira / **Direcção de Produção:** Francisco Silva / **Cópia:** RTP, digital (suporte original: 16 mm, Sep Mag/Double Band), cor / **Duração:** 43 minutos / **Primeira Apresentação Pública:** 14 de Janeiro de 1981, RTP/2 / Primeira Exibição na Cinemateca.

filmes de NOÉMIA DELGADO

Duração aproximada da projecção: 94 minutos.

No final dos anos 1970 Noémia Delgado começou a trabalhar para a televisão. Como ela confessou num texto biográfico incluído na importante obra “Cineastas Portuguesas, 1874-1956”, editada pela Câmara Municipal de Lisboa em 2000, um projecto da responsabilidade de António Cunha e de Ilda Castro que faz uma recolha de contributos de importantes realizadoras deste período em Portugal, Noémia iniciou o seu trabalho para televisão quando regressou de Itália, onde em 1976 participou na montagem de **Torre Bela**, de Thomas Harlan. Vendo-se sem trabalho contactou o Produtor João Martins, que lhe atribuiu a realização de quatro dos episódios da série “As Palavras Herdadas”,

nomeadamente sobre Almeida Garrett, Camilo Castelo Branco, Camilo Pessanha e Eça de Queiroz, filmes com um baixíssimo. Estes filmes seriam acompanhados por um episódio da série “Contos Tradicionais Portugueses”, **O Ladrão do Pão**, produzido pelo Cinegrupo 7, a que se seguiu a série dos sete “Contos Fantásticos”, a que pertencem os dois títulos desta sessão, respectivamente o terceiro e o segundo da série, tendo **O Visconde** sido exibido na RTP/2 na semana seguinte a **Tiaga, ou a Reencarnação Deliciosa**, em Janeiro de 1981.

Todos estes sete filmes partem de adaptações de contos fantásticos publicados na colectânea *Antologia do Conto Fantástico Português*, cuja primeira edição pela Afrodite remontou a 1967, mas que foi revista, aumentada e reeditada em 1974 por E. M. de Melo e Castro, sendo esta a edição seguida pela cineasta. Tal foi confirmado numa destas sessões por João de Menezes Ferreira, o Produtor Delegado da série e um dos cooperantes da Era Nova, produtora que Noémia Delgado também integrou, a par de outros nomes do cinema, mas sobretudo da música, como Zeca Afonso ou Sérgio Godinho, a produtora responsável por esta série e pela distribuição do filme **Torre Bela** no nosso país. Para esta série Noémia adapta os contos de Fialho de Almeida (**A princesinha das Rosas**), Aquilino Ribeiro (**Tiaga ou a Reencarnação Deliciosa/A Reencarnação Deliciosa**); Álvaro do Carvalho (**O Visconde/Os Canibais**); Eça de Queiroz (**O Defunto**); Júlio Dinis (**O Canto da Sereia**), Hugo Rocha (**A Noite de Walpurgis**), Mário de Sá-Carneiro (**A Estranha Morte do Professor Antena**).

O Visconde adapta assim o conto de Álvaro do Carvalho, *Os Canibais*, que em 1988 Manoel de Oliveira também trabalharia no seu filme-ópera **Os Canibais**, com libreto de João Paes. No centro da história está o misterioso Visconde de Aveleda, o seu segredo, e o fascínio que exerce sobre a jovem Margarida. O conto de Álvaro do Carvalho (1844-1868), escritor que morreu com apenas vinte e quatro anos com um aneurisma, deixando uma obra necessariamente incompleta, foi publicado na colectânea *Contos* por José Simões Dias após o falecimento do autor, tendo conhecido uma primeira versão intitulada a *A Estátua Viva*, editada na *Revista de Coimbra* em 1865. Sobre o conto costuma salientar-se a atmosfera romântica influenciada por E. T. A. Hoffmann e por Edgar Allan Poe, no modo como equilibra aspectos fantásticos e realistas, em que a caricatura e o grotesco se fazem notar, e essas são características que também estão presentes nas suas duas adaptações ao cinema, a primeira por Noémia Delgado e a segunda por Manoel de Oliveira, poucos anos depois.

Quando mais tarde se perguntou a Oliveira se tinha visto a obra de Noémia Delgado antes de realizar **Os Canibais**, dado que esta tinha sido exibida na RTP pouco tempo antes, o cineasta revelou desconhecer-lá, mesmo se conhecia bem Noémia Delgado, pois esta colaborou na montagem de **O Passado e o Presente**, tendo interrompido esse trabalho quando precisou de partir para o estrangeiro para um estágio com Jean Rouch, para o qual teve um apoio, depois de várias tentativas de bolsas falhadas para estudar em Londres e em Paris. Sobre o seu filme, Noémia Delgado afirmaria que o intitulou **O Visconde**, e não “Os Canibais”, pois “não queria que o título fosse demasiado óbvio”.

E de óbvio o filme não tem nada, salientando-se o magnífico uso dos escassos recursos disponíveis para a produção de uma obra única no contexto do cinema português. Há momentos perfeitos, mesmo se por vezes a actuação demasiado histriónica das duas

condessas corta o ritmo de um filme em que se destaca a apurada sensibilidade plástica da realizadora, que se manifesta mesmo nos momentos mais “gore” (a encenação das vísceras e dos restos mortais do Visconde, como uma natureza morta), que revelam ainda um indiscutível sentido de humor. Sobre as dificuldades de produção, Noémia confessa que houve mesmo uma interrupção da rodagem numa cena filmada no museu do traje, quando os responsáveis pelo aluguer do equipamento apareceram e ameaçaram levá-lo em plenas filmagens devido ao atraso no pagamento, sendo que a própria RTP ainda não teria avançado o dinheiro para o filme.

Tiaga ou a Reencarnação Deliciosa é uma adaptação muito livre do conto de Aquilino Ribeiro sobre a camponesa idosa que sonha com o regresso da juventude. Tiaga é Isabel de Castro, que tem aqui um papel exemplar, contracenando com Jacinto Ramos. A belíssima fotografia, com laivos expressionistas e em que abundam os contrastes, é de Mário Cabrita Gil, que pouco tempo depois deixaria o cinema para se dedicar em exclusivo à fotografia. No filme sobressai ainda um inesperado momento dançado por Luísa Taveira e Jorge Grave, que acentua o carácter inusitado de um filme que oscila entre diferentes registos, revelando a modernidade do cinema de Noémia Delgado, mesmo quando feito para televisão.

Sobre este período em que realizou os “Contos Fantásticos” e sobre os anos que imediatamente o antecederam, Noémia Delgado afirmou na publicação acima referida: “Nos anos 70, 80, por entre filmes que realizei para a RTP, escrevi crónicas para o *Diário de Lisboa* e entrevistas com outros realizadores para o *Jornal de Letras*. Também fiz muita publicidade, capas de livros e poemas.” É importante referir as múltiplas actividades que desenvolveu em paralelo num período em que, aguardando oportunidades para fazer cinema – que não chegaram, dada a não obtenção de financiamento para os inúmeros projectos cinematográficos, que nunca concretizou –, Noémia Delgado não deixou de afirmar o seu cinema nas várias produções que realizou para televisão, destacando-se claramente os seus sete “contos fantásticos”, e muito particularmente os dois desta sessão.

Filmes em que se manifesta o seu desejo de ficção, temperado com um apurado sentido de poesia e de *mise en scène*, próprios de quem desde cedo circulou entre os vários meios e as várias artes. Ou, como dizia Ana Hatherly sobre a sua própria prática, próprios de uma “artista em permanente derivação”. Disso dá também conta a importância que tem o som nos filmes de Noémia Delgado, e como atribui a si própria a “sonoplastia” dos mesmos, revelando como para si o cinema é tanto uma arte da palavra, como do som e da imagem.

Joana Ascensão